AS RESPOSTAS DOS ESQUIZOFRÊNICOS AO TESTE DE SZONDI: ESTUDO TIPOLOGICO *

Bruno Gonçalves **

Num estudo anterior (Gonçalves, 1989 b) sobre as respostas dos esquizofrênicos ao teste de Szondi distinguimos três grupos de sujeitos correspondendo eventualmente a *três «tipos» de esquizofrenia*. Esta distinção decorreu da definição de uma nova metodologia de tratamento dos dados fornecidos pelo teste, metodologia que tornou possível a utilização de uma técnica de análise de «clusters».

Numa perspectiva de *diagnóstico* e de *caracterização tipológica*, os resultados obtidos sofriam, no entanto, de algumas limitações. Com efeito, a análise de «clusters» não permite caracterizar, em termos simples, os três grupos circunscritos, já que estes se distinguem pela sua posição relativamente aos

* Este artigo constitui uma versão adaptada da comunicação apresentada no XIII Congresso Internacional do Rorschach e dos Métodos Projectivos. Na medida em que o enquadramento teórico geral e os resultados da análise estrutural inicial foram anteriormente apresentados nesta mesma revista (1989, 25, 7-29) centrámo-nos aqui exclusivamente sobre o estudo tipológico.

** Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

«clusters» de variáveis definidos numa primeira fase e não em função directa dos índices correntemente utilizados na interpretação clínica.

Este problema metodológico, para além das suas implicações práticas, tornava mais difícil uma resposta cabal às eventuais interrogações sobre a pertinência das distinções estabelecidas. E a análise comparativa então efectuada no intuito de pôr em evidência a especificidade das características dos grupos, na medida em que estudava *isoladamente* cada uma das variáveis, não parecia, do ponto de vista metodológico, totalmente satisfatória (cfr., por exemplo, Betz, 1987).

As interrogações que constituíram o ponto de partida deste segundo estudo foram portanto duas. A primeira referia-se à possibilidade de caracterizar os três grupos definidos a partir das variáveis usualmente consideradas na interpretação do teste *sem as isolar* artificialmente. A segunda, à possibilidade de fazer esta caracterização em termos relativamente *simples*, confirmando assim a *homogeneidade* dos grupos e a pertinência da sua diferenciação.

A *análise discriminante* pareceu-nos adequada para responder a estas perguntas¹. A utilização desta técnica exigia, no entanto, uma restrição *a priori* do número de variáveis estudado. Poderíamos, por isso, apoiar-nos nos resultados da análise de «clusters», construindo uma lista *ad hoc* de variáveis pertinentes. Mas entendemos que o nosso objectivo deveria ser, antes de mais, definir uma metodologia coerente e de utilização geral. Correndo o risco de não confirmar os resultados iniciais, decidimos portanto reter um conjunto *homogéneo* de 36 variáveis, incluindo a quase totalidade das que correspondem às diferentes posições factoriais do «primeiro plano» (VGP)².

¹ Agradecemos as indicações metodológicas da Professora Helena Nicolau da Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Lisboa, assim como a colaboração da Dr.^a Ana Ferreira, Assistente desta mesma Faculdade, que se encarregou de todo o trabalho estatístico.

² Excluímos apenas as posições $d\pm$, e 0 e $p\pm$. Incluímos, por outro lado, a frequência das posições acentuadas $m+$!, $h+$!, $s+$!, $s-$!, $hy-$!, $k-$! e $p-$!.

1. A ANÁLISE DISCRIMINANTE ENTRE NORMAIS E ESQUIZOFRÊNICOS

A análise discriminante passo a passo efectuada a partir deste conjunto restrito de variáveis permitiu, antes de mais, verificar a nitidez da distinção entre normais e esquizofrênicos.

Na verdade, após, três passos, podemos já classificar correctamente 79 % dos sujeitos, tendo em conta simplesmente as variáveis correspondendo às frequências das posições $m+$, $m+$! e $h+$! (cfr. quadro 1). Com efeito a tendência a «agarrar-se»

QUADRO 1
CONFRONTO ENTRE ESQUIZOFRÊNICOS E NORMAIS³

Função discriminante	% suj. correct. classificados
... 2,38 -0,20 ($m+$!) -0,28 ($h+$!) -0,18 ($m+$)	79 %
... 3,11 -0,23 ($m+$!) -0,40 ($h+$!) -0,33 ($m+$) +0,24 ($k-$) -0,37 ($hy+$) -0,15 ($e+$) +0,18 ($s0$)	85 %

($m+$, $m+$!) e uma certa «sobrecarga» libidinal ($h+$!) são frequentes neste grupo.

Se prosseguirmos a análise, verificamos que, ao 7.º passo, já podemos classificar correctamente 85 % dos sujeitos. É interessante notar que a função discriminante, inscrita no quadro 1, põe em evidência o papel de certas variáveis que, quando consideradas isoladamente, não permitem estabelecer diferenças sig-

Do ponto de vista da teoria e da prática de interpretação do teste pode afirmar-se que este conjunto, embora limitado (exclusão das variáveis «vectoriais», do EKP, etc.), é bastante coerente e pertinente.

³ Para uma correcta interpretação dos quadros apresentados é preciso ter em conta que, quando a função discriminante apresenta um valor *positivo*, o sujeito em questão é classificado no *primeiro grupo* indicado (ou seja, no quadro 1, o grupo dos esquizofrênicos).

nificativas (é o caso de k- e s0, característica dos esquizofrénicos e de e+ e hy+, características dos normais).

Não desenvolveremos no entanto aqui a interpretação desta função discriminante — que confirma globalmente os resultados do estudo inicial — já que o nosso objectivo principal é a aplicação deste método à caracterização dos subgrupos de esquizofrénicos.

2. O CONFRONTO ENTRE OS SUBGRUPOS DE ESQUIZOFRÉNICOS

A análise discriminante permite desde logo confirmar que os três grupos considerados têm características bastante específicas.

No quadro 2 apresentamos os resultados obtidos quando se comparam estes grupos dois a dois⁴.

QUADRO 2
CONFRONTO ENTRE OS SUBGRUPOS DE ESQUIZOFRÉNICOS

Grupos	Função discriminante	% suj. correct. classificados
E1-E2	1,41 -0,53 (p+)	89 %
...	0,66 -0,38 (p+) -0,33 (k+)+0,21 (s+)	100 %
E1-E3	-3,21+0,57 (h+)	94 %
...	1,78+0,13 (h+) -0,09 (e+) -0,62 (h-) -0,32 (hy±) +0,12 (m-) -0,09 (k-)	100 %
E2-E3	-2,07+0,42 (h+)	94 %
...	-1,32+0,61 (h+) -0,32 (k-) -0,25 (p-) +0,39 (s+!)	100 %

⁴ Na comparação entre subgrupos fomos frequentemente forçados a eliminar algumas das variáveis iniciais a fim de que o seu número total não ultrapasse o número de sujeitos considerado.

É fácil verificar que bastam duas variáveis (a frequência de h+ e a frequência de p+) para classificar correctamente a maior parte dos sujeitos. Podemos admitir que os 4 sujeitos (em 25) que levantam dificuldades de classificação ocupam posições intermédias. Mas é de qualquer modo possível estabelecer uma função discriminante que permite classificar correctamente a *totalidade* dos sujeitos em cada par.

Estas funções confirmam, em geral, o valor diferencial das características que decorrem dos «perfis» apresentados no primeiro estudo. Assim o grupo E1 caracteriza-se antes de mais pela exacerbação da agressividade (s+) enquanto no grupo E2 sobressai nitidamente a configuração inflativa e narcísica do eu (p+, k+). No grupo E3, finalmente, surge sobretudo como característica a repressão erótica (h-) assim como a posição aparentemente mais controlada ao nível afectivo (e+).

Verificada assim a coerência da distinção estabelecida entre os grupos de esquizofrénicos, torna-se sobretudo interessante, nomeadamente numa perspectiva de diagnóstico, comparar cada um destes grupos com os sujeitos normais.

3. CONFRONTO DOS GRUPOS DE ESQUIZOFRÉNICOS COM OS SUJEITOS NORMAIS

3.1 O grupo E1

A análise discriminante permite confrontar o grupo E1 com a totalidade da amostra normal (quadro 3). Ao 4.º passo podemos já classificar correctamente 69 % dos sujeitos, entre os quais se encontra a totalidade dos casos patológicos. A função discriminante põe claramente em evidência os problemas do contacto (m±, m-), a importância das tendências agressivas (s+) e a rigidez repressiva do «eu» (k-) características deste grupo de esquizofrénicos.

Se prosseguirmos a análise até ao 8.º passo podemos já classificar correctamente 81 % dos sujeitos. A função discriminante

QUADRO 3
CONFRONTO ENTRE O GRUPO E1 E OS NORMAIS

Grupos	Função discriminante	% suj. correct. classificados
E1-N(tot.)	-2,67+0,49 (m±)+0,24 (s+)+0,33 (m-) +0,18 (k-)	69 %
...	-1,98+0,69 (m±)+0,32 (s+)+0,43 (m-) +0,26 (k-)-0,34 (d0)-0,42 (hy+)+0,51 (h±) -0,15 (e+)	81 %
E1-N1	4,29-0,39 (m+)-0,51 (s-)-0,18 (d0)	86 %
...	2,94-0,42 (m+)-0,30 (s-)-0,25 (d0)+0,23 (s+) +0,31 (k-!)	86 %

compreende agora também algumas variáveis que tendem a apresentar valores mais elevados nos normais⁵.

Chegados a este ponto parece no entanto mais pertinente comparar o grupo E1 já não com a totalidade dos sujeitos normais mas antes com o grupo que mais se aproxima dele: o grupo N1, ao qual pertencem de resto 5 dos 7 normais que ainda levantam dificuldades de classificação.

Retendo apenas três variáveis, a análise discriminante entre E1 e N1 permite logo classificar correctamente 86 % dos sujeitos. A função discriminante inscrita no quadro III compreende as variáveis m+, s- e d0. A menor frequência da posição m+ é, como já foi dito, uma característica geral dos esquizofrénicos. A raridade relativa das tendências à passividade (s-) é uma característica específica deste grupo — onde já vimos que domina uma posição activa/agressiva (s+). Quanto à menor frequência de d0, deve ser compreendida em conjunção com m+. Com

⁵ Devido a uma limitação técnica do método utilizado, o coeficiente da variável h± inscrito nesta função não pode ser considerado válido.

efeito pudemos estabelecer anteriormente (Gonçalves, 1989 a, p. 219) que a imagem C0+⁶, imagem frequentemente interpretada no sentido de uma certa «maturidade» do contacto, é rara nos esquizofrénicos.

Pode ser interessante examinar as características dos casos que *não são correctamente classificados* a este nível. Trata-se de 3 sujeitos: 2 «normais» e 1 «esquizofrénico». Dispomos de poucos dados sobre os casos normais. No entanto o esquizofrénico em questão tem seguramente características especiais: bastará notar que é um homem de 48 anos (o sujeito mais velho da nossa amostra) com uma situação profissional e familiar estável⁷.

O facto de ter tido que seleccionar um pequeno número de variáveis limita, em nosso entender, o interesse em prosseguir a análise discriminante, mesmo se, ao 11.º passo, esta consegue classificar correctamente todos os sujeitos. Inscrevemos apenas no quadro a função discriminante com 5 variáveis que mostra o peso das posições k-! em E1 (posições que Szondi relaciona, nomeadamente, com a catatonia).

3.2 O grupo E2

Se considerarmos agora o grupo E2 em confronto com a amostra normal (Quadro 4), verificamos imediatamente que, tendo apenas em conta a frequência da posição inflativa p+ (muito característica deste grupo), podemos já classificar correctamente 89 % dos sujeitos. A única excepção, no que respeita aos esquizofrénicos, é um caso que ocupa provavelmente uma posição marginal, já que levanta também alguma dificuldade quando se comparam os grupos E1 e E2.

É certo que, ao 3.º passo, a função discriminante, compreen-

⁶ C0+ é uma imagem «vectorial» — correspondendo portanto a um tipo de variáveis que não foram consideradas na presente análise discriminante.

⁷ O nosso objectivo é aqui apenas mostrar as possibilidades abertas por este tipo de metodologia e não discutir um caso concreto. Aliás uma análise mais fina mostraria que este sujeito possui características testológicas que o aproximam claramente do grupo patológico.

QUADRO 4
CONFRONTO ENTRE O GRUPO E2 E OS NORMAIS

Grupos	Função discriminante	% suj. correct. classificados
E2-N(tot.)	-0,89+0,43 (p+)	89 %
...	0,31+0,45 (p+)-0,23 (m+!)-0,25 (e+)	78 %
E2-N3	1,82-0,54 (m+!)-0,29 (h±)	100 %

dendo duas outras variáveis características dos normais, permite já incluir este sujeito no seu grupo real, mas o número de sujeitos normais que não são correctamente classificados aumenta. É só ao 10.º passo que se atinge de novo a % inicial. Também aqui é portanto preferível prosseguir a análise comparando E2 com o grupo normal mais próximo: N3.

A análise discriminante estabelece uma distinção particularmente clara entre estes dois grupos já que basta considerar duas variáveis (m+! e h±) para classificar correctamente todos os sujeitos. A frequência das posições m+! é — já o dissemos — uma característica geral da amostra normal. Pelo contrário, a frequência das posições h± é uma característica específica do grupo N3: h± aparece neste grupo quase sempre na imagem S± — que assinala uma sexualidade relativamente sublimada — contrastando nitidamente com a erotização (h+) prevalente no grupo de esquizofrénicos E2.

3.3 O grupo E3

Consideremos finalmente o terceiro grupo de esquizofrénicos, o grupo E3. No confronto com o conjunto da amostra normal (Quadro 5), os sujeitos deste grupo são caracterizados pela frequência de h- e pela raridade relativa de m+!. A repressão da componente erótica (h-) é, com efeito, uma característica do perfil deste grupo e já sabemos que a posição m+! tende a carac-

QUADRO 5
CONFRONTO ENTRE O GRUPO E3 E OS NORMAIS

Grupos	Função discriminante	% suj. correct. classificados
E3-N(tot.)	-0,07+0,38 (h-)-0,20 (m+!)	82 %
E3-N4	0,07+0,84 (k+)-0,43 (p0)	100 %

terizar os normais. A função discriminante compreendendo estas duas variáveis permite classificar correctamente 82 % dos sujeitos, entre os quais se encontram todos os esquizofrénicos.

Aqui, mais uma vez, o facto de prosseguir a análise não permite uma classificação mais precisa (pelo menos até ao 10.º passo) e torna-se mais útil comparar E3 com o grupo normal mais próximo: N4.

A análise discriminante estabelece uma distinção muito nítida entre E3 e N4. Com efeito a função discriminante retem apenas duas variáveis, que correspondem a duas posições do «eu» (k+ e p0), e permite classificar correctamente todos os sujeitos.

A posição narcísica k+, relativamente frequente nos esquizofrénicos, nunca aparece no grupo N4. Pelo contrário, o «eu» dos sujeitos deste grupo apresenta frequentemente uma configuração neurótica, onde se integra a posição p0 (Sch-0, Sch±0).

CONCLUSÃO

Os resultados da análise discriminante levam-nos a concluir que os três grupos de esquizofrénicos definidos possuem de facto características testológicas nítidas e homogeneidade interna. Parece assim legítimo supor que correspondem a três «tipos» específicos que o teste permite distinguir.

Quaisquer que sejam as suas implicações nosográficas, a definição de «tipos» tem interesse imediato para o diagnóstico e para a compreensão das estruturas psicopatológicas em jogo

num campo cuja heterogeneidade, clínica e testológica, é bem conhecida. Nesta perspectiva torna-se particularmente relevante que tenha sido possível estabelecer *critérios testológicos simples e coerentes* definindo diferencialmente cada um destes «tipos». A *metodologia* proposta revelou-se assim adequada ao tratamento dos dados fornecidos pelo teste de Szondi. E os resultados obtidos confirmam uma vez mais o interesse da utilização desta prova na clínica e na investigação psicopatológica.

Resumo

Este artigo situa-se na sequência de uma investigação anterior (Gonçalves, 1989b) sobre as respostas dos esquizofrénicos ao teste de Szondi. Essa investigação permitiu identificar três grupos de esquizofrénicos. O objectivo do presente estudo é descrever as características diferenciais desses grupos através de uma técnica de análise discriminante. A possibilidade de definir critérios testológicos simples e coerentes para a classificação dos sujeitos sugere que esses grupos correspondem a três «tipos» relativamente homogéneos.

Summary

This paper follows a previous research (Gonçalves, 1989 b) on the schizophrenic adult response to the Szondi test. That research permitted the identification of three schizophrenic groups (cluster-analysis). The purpose of the present study is to describe the predictor variables of group membership. A discriminant analysis technique was used. The fact that it is possible to define a simple and reliable criteria to predict group membership suggests that these groups correspond to three homogeneous types.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETZ, E. (1987): Use of Discriminant Analysis in Counseling Psychology Research, *Journal of Counseling Psychology*, vol. 34, No. 393-403.
- GONÇALVES, B. (1989 a): *La schizophrénie à travers le test de Szondi, Essai d'une approche méthodologique renouvelée à partir de l'étude de 25 cas de schizophrénie débutante*. Tese de doutoramento, Université Catholique de Louvain.
- GONÇALVES, B. (1989 b): A esquizofrenia através do teste de Szondi, *Revista Portuguesa de Psicologia*, 25, 7-29.